



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

QUANDO O MITO VIRA FESTA – OS RITOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE (ENRJN)

Sarah Bezerra Luna Varela*

1

Podemos atribuir à história função preponderante na constituição e destruição de mitos. No entanto, são os “usos sociais”, as práticas cotidianas vinculadas a determinado objeto ou circunstância que atribuem significados formadores de mitos. Os ritos são as maneiras existentes para concretizá-los. Pois, sem a vivência prática, sem a existência dos ritos, o mito conseqüentemente perde seu significado e deixa de existir, pois sua sustentação se desfez. Prioritariamente, o mito se relaciona a uma narrativa, uma tradição que se perpetua por meio da oralidade, trazendo consigo referenciais de origem, sagrado e a constituição de modelos identitários. Assim, compreendemos o mito como um instrumento de estudo social, percebendo-o não como narrativa simples e sim como algo ligado à tradição, à continuidade, sem limitá-lo com a ideia de pertencer à mentalidade arcaica. O mito e o real não se contrapõem, na verdade, complementam-se e modificam-se no decorrer do tempo, nas tentativas de explicar o mundo. Não necessariamente, o mito aparece sob a forma de narrativas fantásticas, mas em figuras humanas tidas por heróis, em conceitos norteadores da vida dos indivíduos. Ele, portanto, deve ser estudado considerando sua função exercida na sociedade. Uma dessas

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. sarahvarela@hotmail.com.

funções é o estabelecimento de verdades que se constituem como formas de lidar com o cotidiano (ABBAGNANO, 2000). O mito ganha sentido e fortalecimento por meio dos ritos, cujo exercício possibilita a atribuição de algo tangível e material ao mito. Sua destruição pode vincular-se diretamente à não vivência dos ritos.

Compreender como determinada escola formulou uma maneira particular de realizar suas práticas formativas, constituindo um modo de ser ruralista, levou-nos a estabelecer como objetivo deste trabalho descrever e problematizar de que forma as práticas escolares ruralistas se constituíram ritos escolares vivenciados no cotidiano da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte (ENRJN) e concretizaram o mito do Ruralismo Pedagógico. A demarcação temporal estabelecida nesta pesquisa representa os anos de formação das três primeiras turmas da referida escola, de 1934 a 1939. Essa investigação se caracteriza como uma pesquisa histórico-documental. A principal fonte utilizada foi o jornal escolar *O Lavrador*, produzido na instituição citada. O referencial teórico-metodológico se fundamenta na relação entre mito e realidade, em especial, nos escritos de Roland Barthes (2006; 2010), Mircea Eliade (2007) e Lévi-Strauss (s.d; 1985). Como também na perspectiva de micro-história, baseada em Carlo Ginzburg (1989), que reduzindo a escala de análise, possibilita a investigação de fragmentos do real, ampliando as possibilidades interpretativas.

No contexto histórico dos primeiros anos do século XX, instituía-se, no Brasil, por meio de instituições e sujeitos como Sud Mennucci (1934; 1935; 1944) e Alberto Torres¹ (1978), o discurso propagador da concepção do meio rural como o lugar de onde cresceria o Brasil. Isto porque para se tornar uma grande potência industrial, era preciso assentar o País sobre uma anterior organização agrícola e conferir maior atenção à realidade populacional campesina que compreendia, neste período, três quartos da população brasileira (MENNUCCI, 1934).

Uma das maneiras pensadas para proporcionar uma mudança de perspectiva com relação ao campo foi por meio do trabalho em escolas tipicamente rurais. Não se podia mais ofertar escolas inadequadas para o homem campesino e sim instituições especializadas para o ensino rural. Acreditava-se que, com suporte ao trabalho realizado

¹ Sud Mennucci e Alberto Torres foram intelectuais brasileiros que defenderam o ensino rural e tornaram-se expoentes do pensamento ruralista brasileiro, pois acreditavam na essência agrária do Brasil e no potencial de crescimento existente no campo.

com as crianças, a “doutrina ruralista” chegaria aos seus pais, possibilitando a difusão de formas técnicas e especializadas de fazer melhor produzir a terra e daí alcançar um retorno econômico proveitoso para o País (MENNUCCI, 1944).

Para a escola atingir esse objetivo, antes se deveria ofertar ao professor um processo formativo de acordo as particularidades da vida no campo. O movimento ruralista não poderia se destinar apenas às crianças, mas, primeiramente, ao mestre, propagador deste ideal. Com a proposta de formar um professor especializado para o trabalho em escolas rurais, foram criadas as escolas normais rurais, cujo objetivo era preparar os futuros docentes com conhecimentos de agricultura, tecnologia agrícola, economia rural, higiene e profilaxia, demonstrando ser a função do professor não só ensinar a ler, escrever e contar. Não deveria ser uma escola da cidade enxertada no campo, e sim uma instituição especializada com o objetivo de “criar disposições favoráveis à vida rural”. (PRADO, 1995, p. 2).

Seguindo esta proposta, durante os anos de 1930, sob o governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945), surgiu ao sul do Estado do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte, uma escola considerada o marco, pioneiro para todo o País (MENNUCCI, 1944), do movimento educacional denominado Ruralismo Pedagógico, também conhecido como Movimento Ruralista dos anos 1930. A ENRJN iniciou suas atividades no dia 13 de março de 1934. Sob a interventoria de Roberto Carneiro de Mendonça e tendo como diretor geral da Instrução Pública do Estado do Ceará Joaquim Moreira de Sousa.

A cidade de Juazeiro do Norte via na instituição que surgia a possibilidade de progresso local e nacional. Afinal, a ENRJN representava a libertação dos trabalhadores que submetiam sua energia e seu trabalho a um pagamento irrisório. Os professores lá formados seriam capazes de “mudar a feição sócio-econômica dos nossos sertões” (CASTELO, 1970, p. 238), dando ao trabalhador rural a possibilidade de potencializar sua labuta por meio de conhecimentos técnicos necessários ao desenvolvimento campesino, extinguindo-se os métodos primitivos de trabalho, entrave para o avanço da agricultura.

A ENRJN não era uma escola agrícola, mas exercitava práticas de agricultura, segundo os moldes do que se considerava moderno. Os professores lá formados não eram mestres em práticas agrícolas, mas necessitavam de uma formação para serem

multiplicadores dos meios de desenvolvimento do campo, ou seja, eles eram propagadores do mito do crescimento nacional mediante práticas modernas de viver no meio rural, por intermédio do Ruralismo Pedagógico. Ou seja, mais do que formar professores especializados para o trabalho no meio rural, compreendemos ter a ENRJN formulado uma maneira de lidar com o ideal do Ruralismo Pedagógico, indo além dos aspectos de formação profissional e constituindo-o um mito que se fundamentou na criação de um espaço, de um programa, disciplinas e práticas norteadoras de uma filosofia de ensino e de trabalho. A escola e os sujeitos participantes da sua história emanam memórias, valores e simbolismos de um dado período histórico. O ideal de educação almejado pela escola rural vinculava-se diretamente à proposta de Getúlio Vargas, pois, para o Presidente da República, a educação do povo glorificaria a Pátria, por meio “da valorização de sua capacidade de trabalho”. (HORTA, 1994, p. 146).

Vamos explicar pormenorizadamente esta asserção iniciando pelo exemplo do símbolo da escola. Em julho de 1936, Dona Amália Xavier, diretora da referida instituição, propôs às alunas do curso normal rural a resolução de um problema: “organizar as armas da Escola”², as quais estariam gravadas no anel de formatura das normalistas. Foram dados 20 dias para pensarem e debaterem ideias. Ao final, o desenho mais votado foi o de Assunção Gonçalves, estudante do 1º ano Normal. Ele representava “o globo sobre um livro, destacando-se o Brasil formado por uma paisagem rural. Entrelaçando o globo, uma pena e um arado”³.

Podemos observar essa imagem em seu sentido literal, com elementos formadores de um símbolo de dada instituição. Para compreendermos sua constituição como mito, entretanto, precisamos primeiramente nos questionar: o que está além do literal? O que essa imagem pode significar? O símbolo, com todos seus elementos, constitui o significante que pleno de um significado produz um signo relacionado ao ideal proposto pela escola. O globo sobre um livro estabelece estreita relação entre o conhecimento adquirido por meio da instrução. Esta é resultado do trabalho realizado na escola. O destaque dado ao Brasil simboliza a imponência atribuída ao País naquele momento. Acreditava-se no crescimento brasileiro, na sua civilização e em seu

² Jornal *O Lavrador* (nº 16, 1936, p. 1).

³ Jornal *O Lavrador* (nº 16, 1936, p. 1).

progresso. A paisagem em destaque faz referência à ideia de origem do Brasil como um país eminentemente rural, como se enfatizava nesse momento histórico. A pena e o arado entrelaçando o globo simbolizam o Ruralismo Pedagógico. A junção da pena – instrução – e do arado – lavrador – seria o meio para alcançar o crescimento econômico almejado para o País. Todos esses elementos associados sintetizavam a proposta de trabalho da ENRJN. Ambiente para difundir a instrução, com estreito vínculo com ideais da ciência e da disciplina, e lugar peculiar pela formação de professores segundo um ideal permeado de características míticas.

A imagem formulada para simbolizar as armas da ENRJN bastar-nos-ia para demonstrar elementos característicos para constituição de um discurso mítico, elaborando uma cadeia de significantes e significados resultantes de um contexto em comum. Como isso se efetiva? O mito é uma fala, como já havíamos conceituado, com uma característica peculiar: é um discurso apropriado, de acordo com os usos sociais atribuídos a ele em determinado contexto histórico. Segundo Barthes (2010), o elemento constituidor da “força motriz” enunciativa do mito é o significado. O Ruralismo Pedagógico atribuiu novo significado ao meio rural e ao lavrador. Se antes a concepção que se tinha deles era de pobreza, atraso, vida desgastante, por meio da apropriação desse discurso, atribuiu-se a eles um novo significado. Nisto consiste a significação, ou seja, o mito. O signo, lavrador, permeado pela situação histórica, cujo objetivo era enaltecer o retorno às origens rurais do Brasil como meio para crescimento do País, confere ao lavrador o significado de prosperidade e crescimento. “O cultivo científico do solo é uma ciência, principalmente aliada às letras pátrias”⁴ Nesta definição, está o cerne da reapropriação do conceito “rural”. Por meio do ruralismo pedagógico, estabeleceu-se a ideia de o cultivo do solo vinculado à ciência.

Discutimos anteriormente os aspectos considerados constituidores do mito do Ruralismo Pedagógico. O vínculo com a origem, o sagrado e a elaboração de um modelo identitário expressam elementos peculiares para a vivência ruralista na ENRJN. No seu caso específico, as práticas escolares ruralistas constituíam os ritos escolares

⁴ Jornal *O Lavrador* (nº 8, 1935, p. 2). Trecho retirado da resposta às críticas feitas à ENRJN de que ela “diplomaria professores para ensinar nos sítios”, ou que os alunos não iam para o campo e não conheciam as práticas agrícolas e/ou as alunas não aguentariam o sol. A resposta à crítica está na referência ao empenho nos trabalhos realizados.

vivenciados no cotidiano da instituição e concretizavam o mito do Ruralismo Pedagógico. Cada atividade agrícola, cada curso específico integrante do currículo escolar são exemplos do que elencamos como ritos de sustentação do mito, pois o rito

[...] é o centro da produção da sociedade, porque centro privilegiado do pôr em relação seus elementos, fazendo-os significar. O estudo dos rituais constitui, portanto, uma fonte alternativa, legítima e criativa da interpretação social, do que faz o social, enfim, social: seu caráter único de significação. (LIMA, 1987, p. 1082).

O rito não se caracteriza por um acontecimento circunstancial. Ele atribui significado ao mito, por meio de sua vivência repetitiva, como forma de fazer com que algo se torne habitual no cotidiano de determinado agrupamento social. Na lição de Langdon (2007), os estudos de Psicologia e Sociologia muitas vezes associam os ritos a repetições e compulsões “vazias”. Para a Antropologia, no entanto, o conceito de rito “é um dos mais antigos e dos mais caros”. (P. 5). Se antes se estudavam os ritos segundo a perspectiva religiosa, atualmente sua concepção abrange diversas áreas da vivência social, sejam elas sagradas ou profanas. A autora explora o lugar central ocupado pelo rito no mundo contemporâneo. As características atribuídas a ele são: “ruptura no fluxo da ação social [...] limite temporal [e] atores sociais que estão, de alguma maneira, manifestando simbolicamente valores e ideais sobre seu mundo”. (P. 5-6)

Na ENRJN, reunimos quatro elementos específicos que, repetidas vezes, são vivenciados na escola e que constantemente retomam o objetivo central da instituição: “tornar grande o Brasil pela agricultura”.⁵ As festividades de formatura das três primeiras turmas, a escrita do jornal *O Lavrador*, a fundação de clubes agrícolas e os dias comemorativos são exemplos dos ritos escolares vivenciados na ENRJN. Explicaremos cada um deles e demonstraremos a consonância entre eles e o programa da instituição,

[...] essencialmente pratico, [visando preparar] apóstolos que abnegadamente procurem transformar a juventude despreocupada de suas responsabilidades, em concientes defensores da economia nacional, que aprendam a trabalhar pelo progresso e engrandecimento do Brasil⁶.

⁵ Jornal *O Lavrador* (nº 9, 1935, p. 2).

⁶ Jornal *O Lavrador* (nº 28, 1938, p. 1).

As festividades de formatura das três primeiras turmas são o ponto culminante da vivência ritualística da ENRJN, pois, durante esses momentos, foram sempre retomados os vínculos com a ideia de sagrado, origem e modelo identitário de uma maneira bastante peculiar, como um coroamento pelos trabalhos realizados. Nos números do jornal *O Lavrador*, encontramos publicações das oradoras das turmas, de seus textos lidos na colação de grau. Também destacamos as matérias veiculadas em jornais de circulação estadual sobre esse momento considerado marcante para a instituição e para o cenário educacional brasileiro, destacando o Ceará como pioneiro neste novo modelo de estabelecimento educacional. A maneira dos alunos se pronunciarem, por meio do enaltecimento ao ideal ruralista vivido na escola, é a característica preponderante de seu discurso, permeada pela ideia de formar para a Pátria, para Deus e para a sociedade.

No campo da ENRJN, sob a presidência do Diretor da Instrução Pública, Dr. Joaquim Moreira de Sousa, o primeiro número do jornal escolar *O Lavrador* foi lançado no dia 14 de junho de 1934 - um dia após a inauguração oficial da escola, durante a segunda reunião do Clube Agrícola Alberto Torres. A existência de um periódico escolar na ENRJN estava prevista no regulamento da Escola. *O Lavrador* era órgão do Grêmio Literário Pe Anchieta e do Clube Agrícola Alberto Torres, instituições vinculadas à ENRJN. No jornal, foram registrados muitos aspectos do cotidiano escolar, suas práticas e vivências, os materiais recebidos e fotografias da instituição e dos sujeitos pertencentes a ela. Como órgão do Clube Agrícola Alberto Torres, pertencente à ENRJN, registravam-se também as atividades do Clube Agrícola.

A estrutura do jornal seguia um padrão de organização. Os textos, normalmente, eram escritos pelos alunos da ENRJN e do grupo rural modelo. Nota-se pela organização das publicações que eram escolhidos representantes dos diferentes níveis de ensino, desde o curso primário até o normal. Também existiam artigos escritos pelos professores da ENRJN e por técnicos ou visitantes que frequentavam a escola. O exercício da escrita do jornal *O Lavrador* foi um meio eficaz de propagação do Ruralismo. Certamente o público para o qual se destinava este periódico não era o dos lavradores sem conhecimentos de leitura e escrita, mas indivíduos já escolarizados que viviam no meio escolar e compartilhavam desse conhecimento.

A fundação de clubes agrícolas era uma meta estabelecida pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e tornou-se uma prática recorrente no cotidiano da ENRJN, pois se adequava ao objetivo de propagar o ensino rural. É um excelente exemplo dos trabalhos ruralistas efetivados pela escola. No artigo 81, do regulamento escolar, destacava-se a meta a ser alcançada pelo clube agrícola: “dignificar o trabalho manual; elevar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador; incutir na consciencia de seus socios o amor á terra, o sentimento da nobreza das atividades agricolas e a idéa de seu valor economico e patriotico”. Os alunos da ENRJN enfatizavam a importância da fundação de clubes agrícolas e acreditavam ser um trabalho missionário a realização desse empreendimento, pois visava ao crescimento do Brasil.

Os dias comemorativos, normalmente, eram celebrados em sessões dos clubes agrícolas e abordavam temas vinculados a algum tipo de cultura a ser comemorado. Na ENRJN, comemorava-se o dia da amoreira (19 de março), do milho (24 de maio), do algodão (14 de julho), da ave e a festa da árvore (21 de setembro). Realizavam-se concursos sobre a mandioca, o algodão e a criação, como também se promoviam Semanas Ruralistas. Além dessas celebrações de aspectos característicos do meio rural, em todos os anos analisados, foram publicadas nos jornais as narrativas sobre as comemorações ao dia de Tiradentes, considerando-o modelo de nacionalidade e de civismo. É interessante, pois demonstra uma característica peculiar da ENRJN, que é a exaltação aos símbolos da nacionalidade. Exemplo disso é a comemoração feita ao aniversário de morte de Alberto Torres. Buscavam-se modelos a seguir, e estes sujeitos se adequavam aos moldes propostos pelo ruralismo e empreendidos pela instituição ruralista.

De maneiras diversas, o mito do Ruralismo Pedagógico foi instituído. A ENRJN estabeleceu uma cultura formativa docente permeada de aspectos míticos. O professor lá formado era símbolo do cumprimento de uma vocação histórica, pois, se o Brasil era compreendido como um país rural, o professor ruralista era o protagonista para a resolução do problema do êxodo rural; ou seja, de formas diferentes (significantes), imprimiu-se o mesmo significado para vivência no campo: ambiente pleno de possibilidades de riqueza e crescimento do Brasil, conferindo ao agricultor a identificação de legítimo brasileiro. O discurso formulado pelos sujeitos pertencentes à

ENRJN e a concretização feita deles, por meio das práticas, dos ritos vivenciados, constituiu um modelo de homem do campo e estabeleceu o Ruralismo Pedagógico como mito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

_____. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CASTELO, Plácido Aderaldo. O ensino rural. A Escola Normal pioneira. In: _____. *História do Ensino no Ceará*. Monografia n. 22. Departamento de Imprensa Oficial, 1970. (Coleção Instituto do Ceará).

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates).

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1989, p. 143-179.

HORTA, José Silvério Baia. *O hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

LANGDON, Esther Jean. Rito como conceito chave para a compreensão dos processos sociais. In: *Antropologia em primeira mão*. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~antropos/97.pdf> Acesso em: fevereiro de 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. s.l. s.d. Disponível em: <https://sabotagem.revolt.org> Acesso em: janeiro de 2011.

_____. A estrutura dos mitos. In: _____. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

LIMA, Robert Kant de. Ritual. In: Fundação Getúlio Vargas; Instituto de documentação. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1987.

MENNUCCI, Sud. *A ruralização*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1944.

_____. *A crise brasileira da educação*. São Paulo: Editora Piratininga, 1934.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

_____. *Pelo sentido ruralista da civilização*: subsídios para a história do ensino rural no Estado de São Paulo (1892-1935). São Paulo: Empresa gráfica da “Revista dos tribunaes”, 1935.

PRADO, Adonia Antunes. Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quatro/adonia4.htm>
Acesso em: novembro de 2007.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*: introdução a um programa de organização nacional. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.